

Cristiane Moura Aluna do 4º período de Geografia da FEUC e bolsista do
PIBID/Geografia-FIC

“Desalojados: Um olhar sobre as Remoções na cidade do Rio de Janeiro”

Resumo:

Este texto apresenta o relato de trabalho de campo em um reassentamento urbano na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, especificamente no bairro de Campo Grande, onde entrevistei moradores que herdaram dos grandes projetos em curso na cidade, tais como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, o processo de remoção de suas moradias.

Introdução:

Durante o mês de abril de 2014, os alunos do 3º período de geografia das FIC desenvolveram um trabalho de campo em um reassentamento em Campo Grande, ou, segundo a divulgação da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, “um condomínio” chamado Vivenda das Orquídeas, localizado na Estrada do Campinho, número 99.

Tal condomínio recebeu pessoas oriundas de diferentes lugares da cidade, como os bairros de Jacarepaguá, Benfica, Morro da Pedreira, em Barros Filhos, e Recreio dos Bandeirantes. Foram entrevistados, aproximadamente, dez pessoas, que tiveram em comum a perda de seus lugares de moradia por conta de projetos (TransOlimpica ou TransOeste) de “reorganização da cidade”.

O objetivo deste trabalho consiste em compreender a realidade dos moradores removidos de diferentes bairros da cidade, de modo que gerasse a produção de um painel apresentado na Semana Acadêmica de Geografia e Ciências Sociais intitulado “Estado, Megaeventos e Movimentos Sociais”, no ano de 2014. Essas reflexões são agora sistematizadas no presente artigo.

Utilizamos como metodologia entrevistas semi-estruturadas, em que os moradores/as relataram seus processos de des-re-territorialização ou seja, de perda, na maioria dos casos, forçada de seus territórios e da reconstrução precária de um novo

território (HASBAERT, 2004). Podemos apontar esse fato como processo comum para os grupos sociais vitimizados nesse modelo de construção de cidade extremamente desigual e excludente. Sendo assim, entendemos que os territórios devem ser compreendidos como:

Enquanto “continuum” dentro de um processo de dominação e/ou apropriação, o território e a territorialização devem ser trabalhados na multiplicidade de suas manifestações – que é também e, sobretudo, multiplicidade de poderes, neles incorporados através dos múltiplos agentes/ sujeitos envolvidos. Assim, devemos primeiramente distinguir os territórios de acordo com os sujeitos que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais, o Estado, empresas, instituições como a Igreja etc. As razões do controle social pelo espaço variam conforme a sociedade ou cultura, o grupo e, muitas vezes, com o próprio indivíduo (HAESBAERT, 2004).

O bairro de Benfica localiza-se na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, e se insere em um contexto de planejamento urbano da cidade que pretende “embelezar” as áreas turísticas que estão recebendo equipamentos urbanos para dar conta das necessidades dos megaeventos, tais como a Copa do Mundo e Jogos Olímpicos. Nesse cenário, e com o discurso de melhorias no transporte público e da mobilidade urbana, muitos moradores foram obrigados a sair de seus locais de moradia, como demonstra o mapa abaixo:

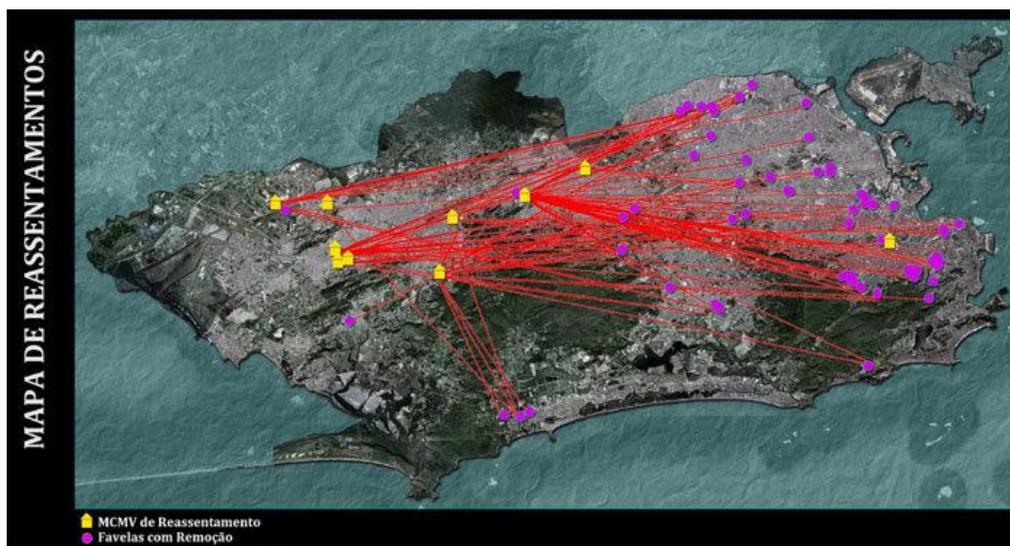


Figura 1 – Mapa das Remoções na cidade do Rio de Janeiro

Fonte: <https://comitepopulario.wordpress.com/tag/remocoes-forcadas/>

A partir da figura (1), é possível verificar que as remoções executadas pela prefeitura, estrategicamente, escolhem a região de Campo Grande e de Santa Cruz para “depositarem” as populações removidos por conta dessa nova lógica de reorganização da cidade. Esse espaço periférico da urbe carioca, historicamente carente em equipamentos urbanos, tais como transporte público, torna-se destino da grande maioria de removidos, tais como: ex-moradores da Vila Recreio I, reassentados em um condomínio na Estrada dos Caboclos, em Campo Grande, ex-moradores da Favela Metrô Mangueira, que estão em Cosmos, os removidos da Vila Harmonia, que hoje se encontram na Avenida Cesário de Mello, em Campo Grande.

O relato colhido, no trabalho de campo, da ex- moradora do bairro de Benfica, na Zona Norte, identificada como Maria¹, demonstra um processo de violência nessas remoções:

“A prefeitura chegou na minha casa e me deu 30 dias para sair da minha casa alegando que onde eu morava iria passar a obra da TransOlimpica. Mm ofereceu o aluguel social durante um ano, e, depois desse período, me ligaram e me ofereceram um apartamento ou uma indenização de 13 mil reais. Me ameaçaram dizendo que, se eu não aceitasse, eu iria perder o aluguel social. Eu tive que pedir demissão do meu trabalho por causa da distância, porque no meu trabalho antigo não oferecia a quantidade de passagens que gastaria morando em Campo Grande. Hoje vivo do dinheiro que ganho tomando conta de crianças e do bolsa família. Meu marido também perdeu o emprego e atualmente encontra-se desempregado. Eles me tiraram de um lugar onde eu morava desde que nasci e me jogaram aqui sem nenhum tipo de preocupação e infraestrutura. Por conta disso, perdi o contato diário que tinha com a minha família.”

As obras da TransOeste, TransCarioca e TransOlimpica se tornaram os grandes projetos de reorganização da cidade, onde a atual prefeitura utiliza de remoções arbitrárias de famílias que são reterritorializadas a dezenas de quilômetros de distância de seus lugares de origem. Essa prática entra em desacordo com o Estatuto das Cidades², pois esse tecido normativo indica que os reassentamentos devem ocorrer em um perímetro máximo de até sete quilômetros de distância de sua residência anterior.

¹ No método da pesquisa, optamos pela adoção de alcunhas fictícias para garantir o anonimato dos sujeitos entrevistados.

² Lei nº 10257 de 10 de julho de 2001.

No decurso da pesquisa, entrevistamos mais dois sujeitos que moravam no bairro da Freguesia, em Jacarepaguá. Esses relataram que a casa onde moravam ficava as margens de onde hoje passa a Transcarioca, sendo, portanto, destruída por essa intervenção urbanística. Os filhos estudam, hoje, a cerca de seis quilômetros de distância da nova casa. Os rendimentos oriundos do programa bolsa-família se configuram como a única renda. O acesso ao transporte público se tornou uma grande dificuldade, e descrevem que o vínculo afetivo que existia com os vizinhos a partir de uma convivência de quase trinta anos, na nova realidade de reassentada, não existe mais.

Outra moradora conta que, por causa da distância, o marido, atualmente, precisa dormir no trabalho e vem para casa somente aos finais de semana. Essa ex-moradora da Cidade de Deus reclama da falta de opção de trabalho e transporte na nova região de moradia: “Agora, estou desempregada. Eu saía de casa 3h50 da manhã para conseguir estar no centro da cidade às 6h da manhã, por causa da distância que é morar aqui (...) Existe uma carência muito grande”.

Outro bairro afetado pelas remodelações urbanísticas foi o Recreio dos Bandeirantes, que é um dos bairros da cidade do Rio de Janeiro que, nos últimos anos, mais sofreu com a especulação imobiliária, a partir da difusão de grandes condomínios de luxo para uma população de alto poder aquisitivo. Existe, assim, o fortalecimento de empreendimentos elitistas, tais como: forte presença de shoppings, projeto de campo de golfe e clubes de luxo. Como consequência, comunidades como Vila Harmonia, Vila Recreio I e Vila Recreio II se tornaram um grande empecilho às políticas urbanas excludentes direcionadas a esse território.

A Vila Autódromo é uma das comunidades que ainda consegue sobreviver, através de muita resistência, organização comunitária e articulações com entidades em defesa dos direitos humanos. Essa situação produziu uma judicialização da questão, levando a várias decisões favoráveis do Judiciário a favor da permanência dos moradores no atual território.

Um "condomínio" que representa a área de reassentamento nesse processo visitado na rotina de pesquisa foi o “Vivenda das Orquídeas”, em Campo Grande. Esse, em termos físicos, configura-se como aceitável, seguindo os padrões de empreendimentos participantes do Projeto Federal “Minha Casa, Minha Vida”. No entanto, existe uma precariedade social presente na vida daqueles sujeitos, pois não existe um projeto ligado à área social. Sendo assim, adolescentes e crianças padecem

pela falta de um ensino integral. O desemprego configura-se como um problema crônico, gerando diferentes formas de produzir a sobrevivência diária, tais como, pequenos comércios dentro dos próprios apartamentos.

Outra constatação é que muitos moradores voltam para seu lugar de origem, já que existe a falta de condição de pagar algumas taxas cobradas, a saber: trinta e dois reais de condomínio mais cinquenta reais para a "segurança". Segundo a própria moradora:

“Muita gente está indo embora aqui do condomínio – cerca de vinte e poucas pessoas – por que não aguenta sobreviver pela falta de trabalho e de atenção. Por exemplo, os moradores dizem que, onde eles moravam, se faltava um gás, tinha como arrumar, pedir emprestado; aqui não. Ou você sobrevive, ou morre de fome. Por exemplo, se a luz é cortada, temos que tirar do “corredor” por que não tem como pagar, pela falta de emprego.”

Uma entrevistada relata que se não ocorre o pagamento dessas “taxas”, alguns sujeitos vão até a residência desse morador e retiram algum eletrodoméstico. Ela informa também que o padeiro, para trabalhar nesse espaço, precisa pagar algum tipo de “taxa”, apontando indícios de formas de associações milicianas na área.

Conclui-se que as intervenções urbanísticas ligadas aos megaeventos transmutam a realidade carioca em um espaço urbano cada vez mais elitista e excludente. O caso dos reassentados evidencia esse modelo de cidade onde a cidadania é diminuída, e o direito a moradia é cada vez mais vilipendiado.

REFERÊNCIAS:

HASBAERT, R. O mito da desterritorialização, Ed. Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. DOS MÚLTIPLOS TERRITÓRIOS À MULTITERRITORIALIDADE. Porto Alegre, 2004. In: http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/CONFERENCE_Rogério_HAESBAERT.pdf

Comitê Popular da Copa e Olimpíadas. In: <https://comitepopulario.wordpress.com/tag/remocoes-forçadas/>

